A ILLUSTRAÇÃO LUSO-BRAZILEIRA.

LISBOA: — Anno..... ...4$000 réis.
Numero pago á entrega. $090 »

N.º 46 — VOL. II.

Sabbado 13 de Novembro de 1858.

PROVINCIAS: — FRANCO — Anno.... 4$300
Ultramar e estrangeiro (moeda forte)... 5$000

Summario.

ARTIGOS: — Historia da actualidade — Empresas de Tanger, continuação — Dromedarios offerecidos ao imperador dos francezes pelo vice-rei do Egypto — A cidade de Beja — A villa de Barcellos — Agricultura na China — Lições para maridos, continuação — O pelicano — A noite, conclusão.

GRAVURAS — Chegada a Marselha dos dromedarios offerecidos ao imperador dos francezes pelo vice-rei do Egypto — Brasões d'armas da villa de Barcellos, e da cidade de Beja — O Pelicano — Porta de Marshan na cidadella de Tanger — Monserrate.

Historia da actualidade.

O vice-consul inglez na ilha de Rhodes foi gravemente insultado pelos habitantes, e dirigindo-se o consul ao local do successo não teve forças de evitar maiores complicações, do que se seguiu romper as relações com as autoridades locaes.

— Os rebeldes da India, segundo as ultimas noticias, tem sido batidos no reino de Oude, com insignificante perda da parte dos inglezes.

— A campanha ainda não principiou na India, mas grande numero de insurgentes percorrem o paiz em pequenas partidas, devastando os campos, e saqueando os habitantes.

— A fragata ingleza que conduzia lord Stratford de Redcliffe a Constantinopola, encalhou perto de Smirna.

— Outro sinistro houve no Bosphoro, em a noite de 30 do passado. A embarcação que transportava Ali Ghalib abalroou com um barco de vapor, e ficou despedaçada. Aquelle distincto musulmano, e muitos da sua comitiva morreram afogados.

— Segundo as ultimas noticias, a febre amarella augmenta com muita violencia em Nova Orleans.

— O cabo electrico transatlantico ainda não está concertado.

Chegada a Marselha dos dromedarios offerecidos ao imperador dos francezes pelo vice-rei do Egypto.

—Na Bolivia houve uma tentativa de assassinio contra o presidente Lignares, sendo feridos mortalmente dois generaes, que na occasião do crime se achavam a seu lado.

—O contra almirante sir H. Seymour tem-se entregado na China á suppressão da pirataria. Do seu relatorio se vê que tem sido tomados e destruidos pelos inglezes muitos juncos armados.

—Na Prussia, depois do principe regente ter agradecido ás camaras a forma porque acceitaram a sua regencia, encerrou a respectiva sessão extraordinaria.

—A camara municipal de Lisboa fez reunir no dia 10 do corrente, em conferencia, os veterinarios da escola agricola, os do matadoiro, e alguns facultativos para se occuparem da epizootia que appareceu no gado. Ha quem sustente que as muitas febres que ultimamente teem apparecido são resultado da comida das carnes affectadas. No matadoiro inutilisam-se as linguas dos bois, por ser a parte que apparece mais molesta na rez.

—Foi nomeado presidente da camara electiva na presente sessão, o senhor Vellez Caldeira, candidato ministerial.

—Acha-se gravemente enfermo o senhor visconde de Sá da Bandeira, ministro da marinha.

—N'um cabouco que á Praça da Figueira se está abrindo para um predio foram victimas d'um desabamento dois trabalhadores, que se recolheram muito maltratados ao hospital.

—Na segunda feira appareceu na rua Nova da Palma uma creança recemnascida dentro de uma panella!

—Tem havido alguns ataques apopleticos. Entre as victimas citam-se o senhor Albino de Figueiredo, distincto lente da escola polytechnica, que foi accommettido na sala da camara dos deputados, poucos momentos antes da sessão real, e falleceu n'essa mesma noite; e José Radichi, corretor de numero da nossa praça, que falleceu na rua do Alecrim, logo em seguida ao ataque.

—A reunião que houve no theatro de D. Maria para promover a educação do sexo feminino, e de que já demos noticia, instalou no dia 7 do corrente a sua commissão em casa do senhor Thomaz Maria Bessone, sendo nomeado presidente o senhor barão de Villa Nova de Foscôa, e secretarios os senhores Luiz d'Albuquerque, e Luiz Filippe Leite. Encarregaram-se os senhores Alexandre Herculano, Sousa Brandão, Ribeiro Guimarães, Filippe de Soure, Xavier de Quadros, Alves Martins, e Oliveira Marreca, para confeccionarem o projecto definitivo que terá de ser discutido.

—Espera-se no proximo domingo outra reunião á qual serão convidados os donos de fabricas que actualmente existem em Lisboa e suburbios, para se formar uma associação tendente a melhorar pela instrucção popular a prosperidade da classe operaria. A associação formar-se-ha por meio de acções de mil e duzentos réis pagaveis em quatro prestações, ou por sessenta réis mensaes, completando em vinte mezes a referida somma. Creará aulas diurnas e nocturnas para os filhos dos associados; uma bibliotheca, e gabinete de leitura; e um jornal proprio da classe operaria.

—Saiu para Southampton, no paquete *Tagus*, o senhor visconde de Paiva, nosso encarregado em França, que viera a Lisboa pelo negocio do *Charles et George*.

—A companhia para a construcção dos caminhos de ferro na provincia de Angola, de que é principal concessionario o senhor doutor Affonseca, segundo consta, já está definitivamente formada em Londres.

—Trata-se de construir um caes no porto da Praia da ilha de S. Thiago de Cabo Verde. Crearam-se meios para esta obra pelo imposto de tres por cento ad valorem sobre a importação e exportação da ilha. Já existem em cofre proximamente 20:000$000 réis, e a obra está orçada em 32:066$880 réis. Além do caes haverão duas ruas, que o ligarão com o edificio da alfandega, e a praça da cidade.

—O ministerio prussiano pediu a sua demissão.

—Houve no dia 4 do corrente um abalroamento entre os navios Palmira e Elenmorison, no canal da Mancha, do que resultou ir o ultimo d'estes navios a pique.

—Lord Elgin concluiu novo tratado com o Japão, em virtude do qual um anno depois de verificada a ratificação se abrirão mais cinco portos ao commercio.

—Foi horrorosa a mortandade que houve ultimamente na India em dois regimentos de cipaes desarmados, que se tinham rebellado. De mil quatrocentos e cincoenta soldados não ficou vivo um só. Foram mortos á metralha, pelo sabre da cavallaria, e pelos silkis, arregimentados pelos inglezes.

—Em Milão ha grande crise monetaria, e temem-se d'ella graves consequencias.

—O conselho municipal de Roma resolveu a construcção de um theatro, digno da cidade monumental. Dentro em dois mezes devem ser presentes os planos.

—Havia difficuldades nas escripturas dos actores do theatro de D. Maria II, mas finalmente parecem sanadas pois os senhores Theodorico e Tasso já fizeram as suas escripturas, faltando sómente o actor Rosa.

—No Porto acha-se estabelecido um fio electrico da repartição do governo civil para a Foz, tendo começado a funccionar no primeiro do corrente.

—A companhia *Viação Portuense* arrematou por 999$000 réis a feitura da ponte de pedra em Villar, na nova estrada de Guimarães.

—O caminho de ferro de leste rendeu desde o dia 26 do passado até 1 do corrente, 2:063$315 rs.

—No domingo passado desembarcou pela volta do meio dia no nosso arsenal de marinha, onde foi recebido com as honras devidas, S. A. R. o principe de Galles, herdeiro presumptivo da coróa da Grã-Bretanha.

—Ha tempos tinha-se roubado da fundição um obuz, que foi offerecido á venda aos senhores Collares. Ao cabo de diligencias parece que se conseguiu prender o autor do roubo.

—Esta semana tentou uma senhora suicidar-se arrojando-se da muralha do passeio de S. Pedro d'Alcantara, ao que obstou a sentinella que ali gira.

—Vão construir-se em o nosso arsenal dois palhabotes, que se destinam á navegação dos rios na costa d'Africa. O risco foi confiado ao senhor Prego, aspirante constructor naval.

—A molestia do gado vaccum e suino vae declinando no districto de Vianna, que foi um dos primeiros locaes em que appareceu.

—As noticias da nossa ilha de Santa Maria são más emquanto ás subsistencias, pois não ha lá um unico grão de milho, e o povo não o pode mandar comprar ás outras ilhas, por falta de numerario.

—Em França o irmão natural do conde de Salles, general francez que se distinguiu na guerra da Criméa, disparou uma pistola sobre o general, e matou-o. O fratricida padecia ha tempos de alienação mental.

—Na viagem que o barão de Rotschild fez no mez passado de Metz a Paris, registou oito malas. Só uma d'ellas continha um milhão de peças de oiro de vinte francos!

—Casou ultimamente um rico banqueiro de Vienna com uma bailarina do theatro de Berlin, estipulando-se no contracto de casamento, um aposento para a noiva separado do do marido; trem e criados exclusivamente seus; e quinze mil francos annuaes para o seu vestuario; e trezentos mil francos no caso de separação.

—A divisão naval ingleza na China, que se compunha de setenta e quatro navios, fica reduzida a trinta; e o resto, sob as ordens do almirante Seymour, vae cooperar nas proximas operações militares da India.

—O ministerio O Donnell venceu em quasi todo o reino de Hespanha as eleições.

—O senhor visconde da Luz partiu no dia 11 do corrente para o Alemtejo, em serviço do ministerio das obras publicas.

—Consta que parte egualmente para Elvas o senhor conde da Ponte de Santa Maria.

—Falleceu o digno par do reino conde de Murça. E' herdeiro seu irmão, o senhor D. João José Maria de Mello.

—No dia 2 do corrente ardeu, no porto de Breme, o vapor Hudson, da companhia do Lloyd austriaco. Felizmente não tinha passageiros a bordo.

—No dia 10 do corrente, pela uma hora da noite, declarou-se incendio n'uma serralharia junto ao estabelecimento do gaz, á Boavista. A chuva caia a torrentes, e o vento soprava com espantosa violencia. Communicou-se o fogo rapidamente a um pouco de carvão de pedra, e d'este a uma estancia de madeira; em breve não se viu no local do sinistro mais do que uma pavorosa fogueira, cujo clarão, reflectindo n'uma grande zona da atmosphera, allumiava grande parte da cidade. Da estancia lavrou para o predio immediato, onde se achava estabelecida a officina typographica dos senhores Castros; e d'ahi ameaçou o predio fronteiro na mesma rua, onde ainda chegaram a arder as janellas do terceiro andar, mas que felizmente foi salvo pela promptidão dos soccorros, conseguindo-se limitar o incendio ao seu foco, salvando assim as muitas victimas que a violencia do vento ameaçava fazer se o fogo lavrasse pelos predios immediatos como se receiou. Os sinos tocaram quasi toda a noite incessantemente a rebate, o que fazia redobrar o susto da população.

—Eram sete horas e vinte minutos da manhã do dia 11 quando na cidade se sentiu um abalo tão forte, como não ha memoria na presente geração. Todas as casas foram violentamente sacudidas na direcção norte-sul com uma leve oscillação de leste a oeste, e as almas mais fortes, não sem justo motivo, receiaram um terremoto egual ao do seculo passado que destruiu grande parte da cidade. Calcula-se a duração do tremor de trinta a trinta e dois segundos. Deixou de si muitos vestigios na cidade: a ermida da Guia está fendida, e a torre ficou completamente separada, sendo necessario especal-a; o revestimento da cantaria do frontispicio da egreja de S. Domingos está rachado; o frontão, e as columnas do theatro de D. Maria, assim como a parede interior da tribuna real, fenderam-se em varias partes; nas fabricas de Xabregas e Alcantara deterioraram-se machinas, e desabaram paredes; no torreão do ministerio da guerra na Praça do Commercio desabou parte de um tropheo; arruinou-se uma das bases da ponte do caminho de ferro em Sacavem; assim como desabou um telheiro da estação do caminho de ferro do sul; de uma das torres da egreja da Estrella caiu porção da cantaria; são muitas as aguas-furtadas e chaminés que alluiram na baixa, e varios os muros que na cidade vieram a terra, bem como cimalhas de alguns predios. Nos Olivaes, Lumiar, Villa Franca, Almada, e Caldas da Rainha houve grandes estragos. Ha algumas victimas, se bem que poucas, d'este sinistro, e do pavor que o tremor incutiu. Tinha sido precedido de dois leves abalos na antecedente noite, e foi seguido de outro ás nove horas da manhã.

Empresas de Tanger.

Continuação.

VI

As circunstancias iam assumindo um caracter de muita gravidade. Cada novo dia, que se accrescentava na cadêa dos annos, era testemunha da chegada de novas phalanges musulmanas, vindas do interior d'Africa em soccorro de Tanger.

A cidade já tinha desimpedido uma de suas portas para receber um importante reforço; e os nossos viram, mau grado seu, introduzir-se na praça grosso corpo de auxiliares, sem lhe poderem estorvar o passo. E em todos os montes e valles das visinhanças reluziam por entre os mattos o crescente de Mafoma e os alfanges arabes.

Os sitiadores estavam quasi sitiados. O unico lado, que estava ainda desaffrontado de inimigos, era o que dava saida para a praia. Mas esse caminho era o da fuga, e a fuga para os companheiros d'armas do conquistador de Ceuta era peior que o desbarato, peior que a escravidão, mil vezes peior que a morte, porque se lhes affigurava uma covardia, e a covardia era o maior de todos os opprobrios para tão esforçados e briosos peitos.

Resolveu-se pois o infante D. Henrique a ir dar batalha aos moiros, que occupavam as cercanias da

cidade. Era o ultimo dia de Setembro. O exercito saiu do acampamento na mesma forma com que saira de Ceuta, levando como em procissão as mesmas imagens e bandeiras. Compunha-se de mil e quinhentos homens de cavallo, oitocentos besteiros, e dois mil soldados de infanteria. O resto das tropas ficaram para segurança e defensa do arrayal. O infante D. Henrique commandava em chefe, e ia na retaguarda. O infante D. Fernando, e seu sobrinho, o conde de Arrayolos, caminhavam á frente da vanguarda.

Os moiros, porém, ou fosse por temor, ou por plano, não acceitaram combate. A' maneira que os nossos avançavam, cediam elles terreno, até que chegaram a uma serra, aonde fizeram alto. Estava ali acampado o grosso do seu exercito.

As asperezas da serrania, a fortaleza d'aquella posição, a immensidade das forças inimigas, e os cuidados e receios pela sorte do arrayal, de que já estavam tão distantes, determinaram o infante D. Henrique a recolher-se aos seus intrincheiramentos.

No dia seguinte vieram os moiros sobre o arrayal, e como se unicamente pretendessem fazer apparato das suas forças, assim que viram os portuguezes, dispondo-se para lhes sair a campo, retiraram-se com mais pressa do que tinham vindo. Todavia, a retirada foi um estratagema de guerra. O infante D. Fernando e o conde de Arrayolos, que sairam no seu alcance, não tardaram a verem-se n'uma cilada, involvidos por todos os lados.

Travou-se então uma renhida peleja, em que os nossos combatiam como desesperados, e no meio da qual caiu morto o principal chefe sarraceno. Entretanto a brava hoste portugueza conseguiu salvar-se, não sem sacrificios, de tão perigoso conflicto, graças á sua coragem e desmesurado valor.

No dia immediato, 2 de Outubro, nem os moiros voltaram a desafiar os nossos soldados, nem estes sairam do arrayal, pois que todos ahi trabalharam para o pôrem em melhor recato e defensa.

Mas logo na seguinte manhã appareceu em frente do arrayal infinita multidão de moiros, atroando os ares com suas costumadas algazarras.

D'esta vez vinham resolvidos a combate. A audacia das suas vozes, e a ordem com que dispunham as suas hostes, bem o davam a demonstrar. Comtudo, não encontraram os portuguezes desprevenidos. Os vigias já tinham ha muito dado aviso de que, das alturas proximas, desciam e caminhavam para o arrayal numerosas phalanges inimigas. E tão apercebidos estavam os nossos para o combate, que ainda os moiros mal começavam a estender-se em longas fileiras pela frente do arrayal, cairam sobre elles tão de improviso, e com tal impeto, que os romperam, pondo-os em desordenada fuga.

Apesar da grande superioridade das suas forças, pôde tanto n'elles o terror, que não ousaram voltar rosto ao inimigo durante legua e meia, que este os foi perseguindo, captivando ou matando os que se deixavam ficar para traz. E mais longe iriam os portuguezes, levados do ardor de se desaffrontarem do aperto injurioso em que se viam, se as difficuldades do terreno, o declinar da tarde, e a lembrança de que o arrayal ficara mal guarnecido, lhes não aconselhassem prudente retirada.

Os seus receios não foram sem fundamento. Assim que os moiros da cidade perceberam, que o exercito christão se afastara tanto do seu acampamento, precipitaram-se com grande furia sobre o arrayal.

Foi um accommettimento horrivel, que poz os nossos em duros trances, e no mais eminente perigo. Eram tantos os que atacavam, e os defensores tão poucos, que por vezes esteve o arrayal a ponto de ser entrado dos moiros.

Viera a noite involver tudo em trevas, e o exercito não regressava, nem havia noticia se era victorioso, se vencido. E o combate durava ainda em volta das estacadas tão rijo e violento, como no principio, porque os assaltantes eram de continuo reforçados e alentados por novas hostes saidas da cidade. Porém, no meio d'estas crueis incertezas, no meio d'este lidar tão penoso, e d'estes perigos tão graves, e tão ameaçadores, nunca desfalleceu o animo aos valentes mantenedores do arrayal christão.

Rotas as estacadas, tiveram em muitos pontos de fazer de seus peitos muralhas. Exhaustos de forças pela fadiga, tiravam do seu animo novas forças. E assim sustentaram aquelle posto de honra, e a honra do nome portuguez, até que a chegada do exercito obrigou o inimigo a recolher-se apressadamente á cidade.

VII

As tropas portuguezas da expedição não vinham menos ufanas da façanha, que acabavam de commetter, do que o estavam os outros seus companheiros pela heroica defensa do arrayal. Os loiros colhidos n'aquelle dia por uns e outros eram na verdade muito para admirar e invejar. Se os que ficaram obraram incriveis prodigios de valor para repellir a aggressão de inimigos tantas vezes superiores em numero; os que sairam, atacando e levando de vencida por tanto espaço de tempo e de caminho a forças dez vezes maiores, que as suas, praticaram um d'aquelles actos de valentia e coragem, que constituem o verdadeiro arrojo, e de que a historia guarda tão raros exemplos nos seus archivos.

Mas de que valiam tantas proezas, tantos loiros, tamanha gloria, se a situação dos nossos bravos soldados não melhorava, antes sim peiorava, já não só de dia para dia, mas de momento para momento? Que importavam o lustre d'aquellas proezas, o vicejar d'esses loiros, o resplendor d'essa gloria, se algumas horas depois todo esse brilho se havia de offuscar entre as nuvens de pó levantadas por novos milhares de inimigos, que vinham estreitar o cerco mais e mais, e pôr no ultimo apuro os sitiados?

Quem julgasse unicamente pelas exterioridades diria, que o infante D. Henrique voltara ao seu acampamento tão ebrio de prazer pela victoria, quão cheio de esperanças. No seu rosto esparziam-se, não ha duvida, certa alegria e serenidade, que bem se podiam tomar por signaes de satisfação pelo triumpho obtido, e de confiança na sorte futura. Mas quem podesse ler-lhe no coração, veria ahi desmentidas aquella alegria e serenidade, que eram mandadas ao semblante tamsómente pelo esforço da alma, e pela politica do general.

O infante D. Henrique não estava ainda de todo descoroçoado. O castello das suas esperanças era tão grande, e tão forte, que não se rendia facilmente aos primeiros vaivens da desdita. Já não vinham, é verdade, sonhos doirados entreter-lhe o espirito. Os seus olhos já não viam tudo côr de rosa. O aspecto carregado das circunstancias ia-lhe enluctando e opprimindo o peito. Todavia ainda confiava alguma coisa no seu esforço, e na bravura dos seus soldados; ainda o animava uma esperança, uma só, mas muito grande, que toda se resumia no auxilio de Deus, que não quereria o exterminio dos que assim se sacrificavam pela gloria do nome de seu unigenito Filho.

Por isso quando na noite em que se terminaram aquelles successos alguem aconselhou prudentemente D. Henrique a aproveitar-se da ausencia temporaria dos inimigos, que elle havia repellido para as serras, afim de se recolher com todo o exercito a bordo da esquadra, declarou o infante que se aproveitaria d'esse ensejo favoravel, não para fugir, esperando ainda vencer, mas sim para dar um assalto á cidade.

N'essa madrugada, pois, todo o exercito se poz em ordem de peleja. Parte foi destinado a cobrir o arrayal, e proteger o assalto, contra qualquer aggressão externa, e o resto correu cheio de ardor, á voz de Santiago, contra os muros de Tanger.

Como no ataque geral a toda a cêrca das muralhas tinham sido infelizes, e em parte se attribuiu este mau successo á divisão das forças, agora ordenou o infante, que se empenhassem todas as tropas em um unico ponto.

Prevenidos com um alto castello de madeira, com algumas escadas, que tinham accrescentado, e com outras vindas de novo de Ceuta, deu-se principio ao assalto por um lanço de muro, onde as bombardas haviam feito antecedentemente bastante estrago.

A sorte, porém, das armas continuou a ser adversa ás quinas de Portugal. Se o ataque foi dirigido com muito vigor e denodo, a defensa foi sustentada com extraordinaria valentia. Os que ousaram montar a brecha foram d'ella precipitados, e quantos se atreviam a tentar a escalada retrocediam, ou caíam victimas das frechas, e das pedras, do azeite fervente e das materias inflammadas, que, tão copiosas como chuva, lhes atiravam de cima. O linho e alcatrão em fogo eram em tal quantidade, que algumas escadas se incendiaram carregadas de gente.

Vendo o infante D. Henrique tão tenaz resistencia nos moiros, e tanto destroço nos seus, sem nenhuma vantagem adquirida, mandou tocar a retirada. Mas apenas entrado no arrayal, longe de desistir, cuidou immediatamente de fazer construir melhores aprestes para novo assalto.

Em quanto estas obras progrediam com a maior actividade, trouxeram á presença do infante D. Henrique dois almogavares, que acabavam de ser aprisionados perto do arrayal. Inquiridos acerca da situação e força da sua gente, declararam ao infante, que, além dos inimigos, que via em torno do seu acampamento, vinham sobre elle com immenso poder, e já bem perto, o rei de Fez, e o imperador de Marrocos.

Nas circunstancias afflictivas em que se achavam os portuguezes, esta nova era de per si bastante para quebrar o animo aos mais esforçados. E comtudo não foi capaz de abater aquella grande alma de D. Henrique, que sempre se mostrava superior a todos os golpes da adversidade, quaesquer que elles fossem. Em seu logar outro general só pensaria n'aquelle momento em salvar-se a si e ao exercito da medonha tormenta, que ia sobre elles rebentar; e era este o unico alvitre, que a prudencia aconselhava em tão apertada conjuntura. Mas aquelle corajoso principe só pensou em apressar os preparativos do ataque para accommetter a praça antes que chegassem os exercitos, que vinham em seu soccorro. Era um esforço derradeiro e desesperado, embora temerario, de que o infante não queria prescindir. O destino é que lh'o não consentiu.

Os exercitos de Fez e de Marrocos chegaram mais cedo do que se presumia.

Continua.

I. de Vilhena Barbosa.

Dromedarios offerecidos ao imperador dos francezes pelo vice-rei do Egypto.

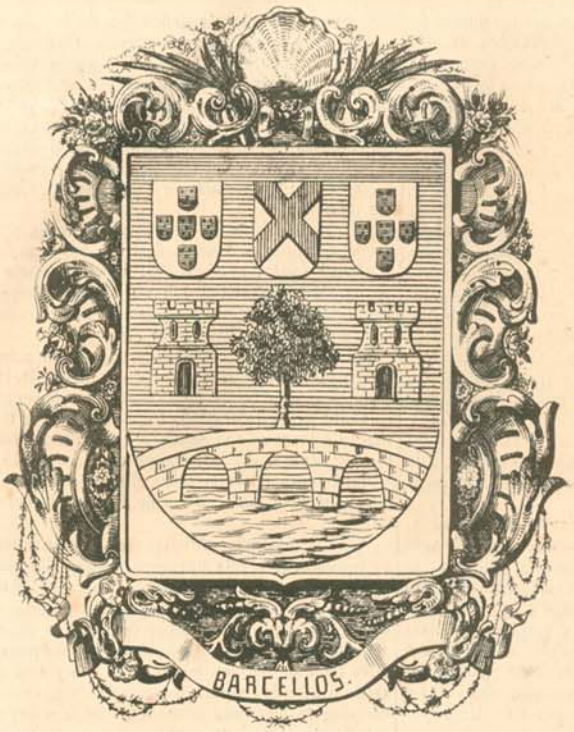
A 8 de Junho de 1857 desembarcaram na cidade de Marselha oito dromedarios puxando uma peça, e um carro, que o vice-rei do Egypto offereceu ao imperador dos francezes para o serviço d'artilharia em Africa. Os conductores vinham vestidos de modo pittoresco, e este facto attrahiu grande concorrencia de povo, que assistiu a esta desfilada guerreira.

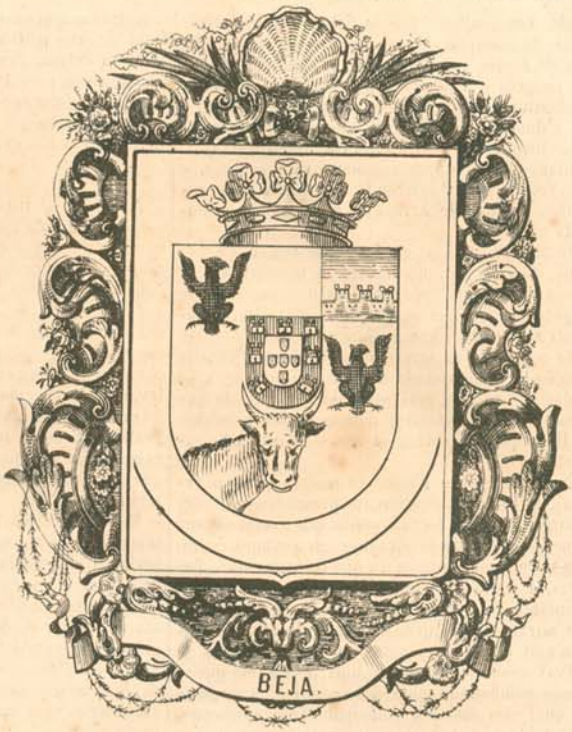
A cidade de Beja.

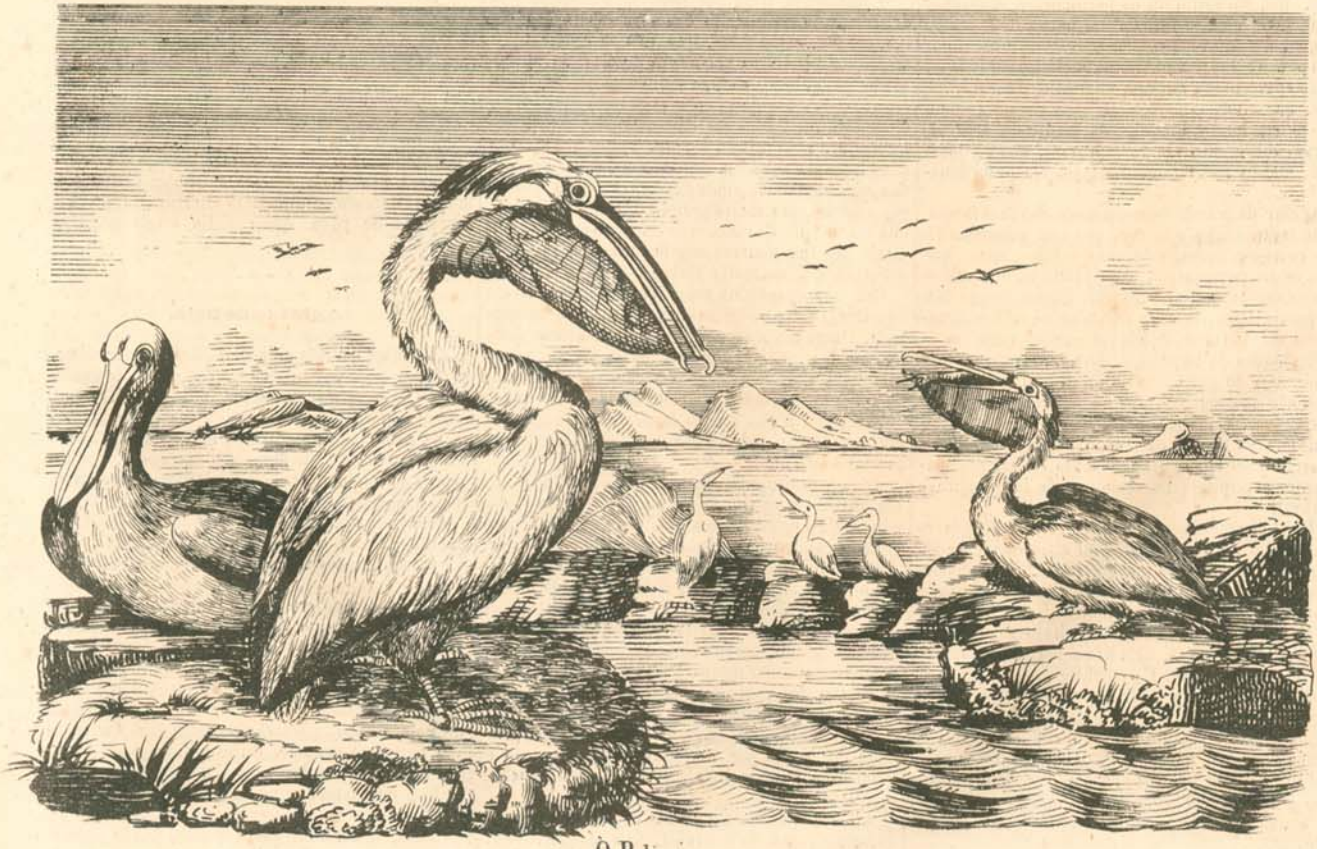
A fundação d'esta cidade attribue-se aos celtas, os mais antigos povoadores das Hespanhas de que ha noticia. Dizem que os carthaginezes a occuparam; porém o que é fora de toda a duvida é que, senhoreada pelos romanos, esteve muitos annos sob o seu dominio; e tanto floreceu n'essa epoca, que logrou a preeminencia de ser um dos tres conventos juridicos da Lusitania.

Destruido o imperio romano, esteve subjeita primeiramente aos suevos, e depois aos godos. Sob o governo d'estes ultimos foi erecta em sede episcopal.

No começo do seculo VIII, correndo o anno de 715, seguiu a triste sorte das mais terras da peninsula, recebendo o jugo musulmano. Depois, n'essa lucta gigantesca, e sem treguas, que durante seculos fez de todo o solo das Hespanhas um vasto campo de batalha, correu fortuna varia a cidade de Beja, sendo agora christã para logo ser outra vez moira. O primeiro rei catholico que a disputou e ganhou aos arabes foi D. Affonso I, rei de Leão e das Asturias, no anno de 750. Retomada pelos sarracenos, foi novamente resgatada por D. Ordonho II em 914, que a perdeu pouco depois,







O Pelicano.

Porta de Marshan na cidadella de Tanger.

Monserrate. (Vid. nº 43)

tornando a ser recuperada em 1038 por el-rei D. Fernando Magno. Caida de novo em poder dos arabes, conquistou-a primeira e segunda vez o nosso rei D. Affonso Henriques, em 1135, e em 1162. Desde este tempo ficou para sempre christã.

Não se sabe qual foi o nome, que teve anteriormente ao dominio dos romanos. Julio Cesar deu-lhe o nome de *Pax-Julia* em commemoração da paz, que acabava de celebrar com os lusitanos. O seu successor Octaviano Augusto quiz que se chamasse *Pax-Augusta*, porém o primeiro é que prevaleceu, e se conservou até á invasão dos moiros, que o foram corrompendo em *Paché*, depois *Baxu*, e finalmente *Beja*.

Pelo effeito natural das guerras, que padeceu, foi-se despovoando e empobrecendo, de sorte que no tempo dos nossos primeiros reis estava reduzida ás condições de uma pequena villa.

El-rei D. Affonso III deu-lhe foral, e cercou-a de muros em 1253, para cuja obra se serviu dos materiaes da celebre via militar, construida pelos romanos. El-rei D. Diniz mandou-a povoar, e edificou-lhe o castello.

D. João II fel-a cabeça de ducado em favor de seu primo, D. Manuel; e este principe, tendo-lhe succedido no throno, elevou Beja á sua antiga cathegoria de cidade em 1512. O infante D. Luiz, segundo filho de el-rei D. Manuel, foi creado por seu pae duque de Beja, e desde então ficou pertencendo este titulo aos filhos segundos dos nossos reis. Tendo determinado o immortal duque de Bragança, o Senhor D. Pedro, quando foi regente na menoridade de sua augusta filha, que, em galardão á cidade do Porto, se intitulasse duque d'ella o filho segundo do monarcha portuguez, passou o ducado de Beja para o immediato, por cuja razão gosa hoje d'este titulo o serenissimo infante D. João.

No antigo regimen mandava esta cidade os seus procuradores ás côrtes, aonde tinham assento no banco terceiro. Eram seus alcaides-móres os marquezes das Minas.

Beja é sede episcopal, e capital de um districto administrativo na provincia do Alemtejo. Está situada em um terreno alto, que de muita distancia vae subindo gradual e quasi insensivelmente. Dista d'Evora onze leguas para o sudoeste, e quatro de Serpa para o noroeste.

Divide-se a cidade em quatro parochias, todas anteriores ao seculo XIV. A mais antiga é a matriz, Santa Maria, chamada da Feira. E' tradição que fôra mesquita dos moiros. Está no centro da cidade. As outras freguezias são: S. João Baptista, templo de muita antiguidade; a do Salvador, e a de Santiago.

A casa da misericordia foi fundada e dotada pelo infante D. Luiz, filho de el-rei D. Manuel. O seu templo é grandioso, bem como o hospital, que lhe está annexo, que é obra do infante D. Fernando, pae de el-rei D. Manuel.

O collegio de S. Sisenando, que pertenceu aos jesuitas, foi fundado em 1670 na *rua Cega*, aonde aquelle santo morou. Não estando concluido, ao tempo da extincção d'esta ordem, continuou-se para servir o templo de sé, e o convento de paço do bispo. Actualmente está occupado pela camara, celleiro publico, e outras repartições. Guardam-se n'este edificio varios objectos d'antiguidade, que attestam a dominação dos romanos, e a florecencia de Beja n'essa remota epoca.

Antes da extincção das ordens religiosas, em 1834, contavam na cidade e suburbios tres conventos de frades, e tres de freiras. Aquelles eram: o de S. Francisco, edificado pela rainha Santa Isabel em 1324; o dos carmelitas calçados, fundado sobre um oiteiro a um quarto de legua dos muros de Beja, no anno de 1526; e o de Santo Antonio, de capuchos, construido junto ás muralhas no anno de 1609. Os de religiosas são: o de Nossa Senhora da Conceição, de freiras franciscanas, situado na *rua dos Infantes*, e que teve por fundadores os infantes D. Fernando, e D. Brites, paes de el-rei D. Manuel, que jazem na capella-mór; o de Nossa Senhora da Esperança, de carmelitas calçadas, edificado em 1541; e o de Santa Clara, de franciscanas, fundado a pequena distancia dos muros no anno de 1340. Estes tres ainda estão habitados.

Conserva-se ainda em bom estado uma grande parte das muralhas da cidade, com suas torres. De quarenta, que eram estas, restam vestigios de trinta. Abriam-se em toda esta cerca de muros sete portas, de que existem cinco, chamadas *d'Evora, d'Aviz, de Moura, de Mertola, e de Aljustrel*, pelas quaes saem as estradas, que conduzem ás povoações, que lhes dão o nome. Entre estas antigas fortificações vêem-se ainda de pé algumas partes mui curiosas pela sua forma e construcção. A torre, denominada — *a grande*, que se ergue junto á porta d'Evora, é um bello monumento, e perfeitamente conservada.

Beja tem muitas casas nobres, mas não possue fonte alguma. A agua de que se abastecem os seus moradores é tirada de poços; porém é de excellente qualidade.

Os arrabaldes não são formosos, porque consistem em dilatadissimas campinas, sem accidentes de terreno, nem contrastes, e cuja principal cultura é trigo. Comtudo em torno da cidade ha bastantes hortas, e ao longe extensos bosques de azinheiros, sobreiros etc. Em compensação a sua fertilidade é extraordinaria. Achamos memorias do seculo passado, que dizem que o dizimo do trigo, que a mitra archiepiscopal d'Evora recebia annualmente do termo de Beja, regulava por trinta mil moios. Além de trigo e outros cereaes, abundam em azeite, algum vinho, e grandes montados, aonde se criam muitos rebanhos, ou, fallando mais adquadamente, muitas varas de porcos. Todos aquelles contornos são ricos de caça variada, e de mineraes, infelizmente não explorados.

A posição elevada da cidade, desaffrontada de montanhas, e de mui suave accesso, dá-lhe a vantagem de gosar de purissimos ares, os mais proficuos de Portugal para as molestias de peito. Pela mesma razão se desfructa de muitos pontos da cidade um dilatadissimo panorama, chegando-se a descobrir o castello de Palmella a dezoito leguas de distancia.

A 10 de Agosto faz-se na praça de Beja uma feira mui concorrida, e de grande commercio. A população da cidade eleva-se a cinco mil e trezentas almas.

Beja foi patria de S. Sisenando, que padeceu martyrio em Cordova no anno de 851; de Antonio de Gouvêa, que foi lente em varias universidades estrangeiras, e morreu em Turim, em 1565; de Amador Arraes, de Jacinto Freire de Andrade, e de José Agostinho de Macedo, nosso contemporaneo, e todos tres distinctissimos escriptores.

O seu brasão d'armas é um escudo com uns muros torreados á parte direita, e á esquerda uma cabeça de toiro até ao pescoço, sustentando as armas reaes de Portugal, com uma aguia de cada lado.

I. DE VILHENA BARBOSA.

A villa de Barcellos.

Não consta ao certo a origem d'esta povoação, mas sabe-se que é antiquissima. Foi cidade no tempo dos romanos, e chamava-se *Aguas Celenas*, por correr junto d'ella o rio Celano, denominado *Cavado* pelos arabes, nome que ainda conserva.

Com as invasões e guerras, que assolaram a Lusitania, na entrada dos povos do norte, e depois na dos arabes, arruinou-se por tal modo a cidade, que veiu a ser objecto de questão o sitio aonde existira, querendo uns que fosse no logar que actualmente occupa Barcellos, opinião mais seguida, e julgando outros que estivera situada na foz do rio, d'ali duas leguas.

No tempo d'el-rei D. Affonso Henriques já existia a povoação actual, pois que este monarcha lhe deu o foral, que el-rei D. Manuel reformou.

Sobre a etymologia do seu nome discordam os autores. Dizem uns, que se deriva de *Barracelos*, porque foi conhecida antigamente, e equivalia a *Barra Celani*, barra do rio Celano. Outros affirmam que provém de uma barca de passagem, que ali houve no seu principio, a que chamavam *Barca Celi*. Alguns querem que os moiros lhe pozeram o nome de *Barcelenos*, por lhe attribuirem a mesma origem da cidade de Barcelona, na Catalunha.

Está situada a villa de Barcellos na margem direita do rio Cavado, distante do oceano duas leguas, de Braga tres, e do Porto sete.

D. Affonso, filho legitimado d'el-rei D. João I, que foi conde e senhor de Barcellos, e depois primeiro duque de Bragança, cercou a villa de grossos muros com duas elevadas torres, quatro portas, e tres postigos. Tambem fundou n'ella um palacio, aonde por vezes assistiu, e que seus successores reedificaram. D'este monumento ainda se mostram estimaveis reliquias.

Tem a villa dentro em si uma só parochia, e outra no arrabalde chamado Barcellinhos. Aquella, da invocação de Santa Maria Maior, é uma das mais celebres collegiadas do reino, com cinco dignidades e oito conegos. Deve a sua fundação a D. Fernando primeiro do nome, e segundo duque de Bragança.

Possue esta villa uma boa egreja e hospital da misericordia, varias ermidas, algumas casas nobres, tres chafarizes de excellente agua, além de quatro nos arrabaldes. São estes muito lindos pelo bem cultivado dos campos, e pelas deliciosas margens do Cavado, que é atravessado em frente da villa por uma bella ponte de pedra.

O termo de Barcellos produz bastantes cereaes, principalmente milho e centeio, legumes, vinho, linho, fructas etc. Cria-se n'elle muito gado, e abunda em caça de variadas especies. Pescam-se no rio lampreias, salmões e outros peixes.

Conta esta villa perto de quatro mil habitantes. Acha-se hoje ligada ás cidades do Porto e Vianna do Castello por uma nova e bem construida estrada, em que anda uma carreira regular de diligencias.

Barcellos foi a primeira cabeça de condado, que houve n'este paiz depois da fundação da monarchia. El-rei D. Diniz deu este titulo a D. João Affonso de Menezes, que foi seu mordomo-mór; e por morte do segundo conde, filho d'este, fez o mesmo soberano mercê do titulo a seu filho bastardo, D. Pedro, o autor do celebre Nobiliario. Depois de ter andado em pessoas de outras familias, veiu o condado de Barcellos a recair no condestavel D. Nuno Alvares Pereira, e pelo casamento de sua filha unica, D. Brites, com D. Affonso, filho legitimado d'el-rei D. João I, encorporou-se na casa de Bragança, aonde se conserva, tendo sido elevado a ducado por el-rei D. Sebastião em favor dos filhos primogenitos d'esta augusta familia.

No antigo regimen gosou Barcellos da prerogativa de mandar procuradores ás côrtes, os quaes se sentavam no banco decimoquarto. O seu brasão d'armas foi-lhe dado por D. Affonso, primeiro duque de Bragança. Conforme se acha na Torre do Tombo, consiste em um escudo azul com uma ponte e uma arvore com pomos de oiro: por cima dois castellos de prata, e sobre estes tres escudos, nos dois dos lados as quinas de Portugal, e no do meio uma aspa vermelha em campo de prata, que era a divisa de D. Affonso.

Entretanto o brasão que se vê em Barcellos na torre da casa da camara differe d'este em ter sobre a ponte uma só torre, e junto uma ermida, com a arvore á porta. No mais é egual.

I. DE VILHENA BARBOSA.

Agricultura na China.

A terra é cultivada na China com muita perfeição, e em tamanha escala, quanto é possivel. A agricultura ahi é honrada, e o lavrador tido em grande estima, hombreando com os lettrados e os sabios; e, apesar de tudo isto, o rendimento do solo não chega para nutrir tão innumeravel população. E' a pesca, o que suppre a falta. Pode elevar-se ao decimo da população o computo dos pescadores. Não ha meio de pescar, que não seja conhecido na China, desde a fraca linha segurada por uma creança, até ás grandes redes medindo muitas milhas; desde a pesca isolada na margem d'um ribeiro, até á pesca em barcos, juntos aos milhares no mar. Durante a noite, e no decurso do dia o chim está sempre junto á sua armação de pesca: não ha rio, ou lago que não lhe dê provisão de peixe.

Dissemos que a agricultura é honrada na China: em toda a parte do celeste imperio em que os europeus tenham penetrado, o solo acha-se cultivado. O chim não se limita a fazer produzir a superficie natural; construe terraços sobre os declives,

e obtem assim rendimento d'um solo, que seria despresado pelos cultivadores das nações mais avançadas da Europa. Não ha ahi porção de terra, por mais pequena que seja, que não tenha o seu emprego, nem detrito por mais fraco que seja, que se não guarde para adubo d'ella. Nas cidades occupam-se incessantemente trabalhadores em varrer as immundicies das ruas, mais para as aproveitarem no campo, do que por medida hygienica, ou de limpeza. As latrinas e canos são arrematados a especuladores; e por este motivo as cidades mais populosas são insalubres pelo receio de se perderem estes detritos de que os proprietarios tiram proveito: pois que se conservam amontoadas as immundicies por muito tempo, e d'ahi se origina a infecção nos centros populosos, e se propagam as febres. Por toda a parte ás portas das cidades se encontram mulheres e creanças transportando para os campos aquellas immundicies. Desconhece-se na China o serviço da salubridade publica, tão bem organisado na Europa.

Na colonia de Hong-Kong, não se limitam só a fazer produzir o solo, e sim a fertilisal-o com o que mais facilmente pode dar com abundancia. A perfeita exploração da terra considera-se um dever politico e social. Um sabio chim dos mais venerados, Yung-chin, disse: — « Não deixeis um pé de terra sem cultura; um par de braços sem emprego; » — e a quarta maxima do livro sagrado de Hang-hi, que a religião ordena se leia no primeiro e decimo quinto dia da lua, em presença dos funccionarios do estado, está concebida nos seguintes termos: — « Deixae á agricultura o primeiro logar, e á amoreira a primeira classe, para não faltar nem o sustento nem o vestuario. » — Shianung, nome do mais antigo, e mais venerando imperador chim, significa *divino lavrador*.

Lições para maridos

COMEDIA EM TRES ACTOS

IMITADA DE VERSO HESPANHOL.

Continuação.

ACTO III.

SCENA XXIII.

CARLOTA, D. EUSEBIO, GENERAL.

GENERAL.

(*Aparte*) Que significa isto?

(*Fica occulto entre as arvores, observando a scena com anciedade*).

D. EUSEBIO.

Se hontem colloquei no teu ramalhete....

GENERAL.

(*Aparte*) Ah!

D. EUSEBIO.

Aquella preciosa pulseira, que em outros tempos...

GENERAL.

(*Aparte*) Comprehendo!

D. EUSEBIO.

Devi ao teu amor, não attribuas o que fiz ao despeito.... Não havia para mim no mundo joia de maior preço... Queria prevenir-te apenas da surpreza que terias reconhecendo-me, e um acaso infeliz....

CARLOTA.

Não continues: pertenço a outro homem, e não me fica bem ouvir-te, nem te fica bem fallar-me.

D. EUSEBIO.

Foi uma pura allucinação que me fez fugir de ti! Casei-me, e tu tambem. Se o mundo, se os nossos deveres nos separam, sabe, ao menos, que vives como sempre no meu coração!

LUIZA.

(*Apparecendo á porta de casa, áparte*) No jardim! Ah! (*retira-se*).

D. EUSEBIO

Expio cruelmente o meu erro. Tornei-me infeliz casando, e talvez que tu...

GENERAL.

(*Áparte*) Ah!

D. EUSEBIO.

Não encontres em teu marido...

CARLOTA.

Basta!...

GENERAL.

(*Áparte*) Vejamos o que responde!

CARLOTA.

Respeito, como devo, aquelle a quem me ligou o destino. E se fui fiel quando era amante, mais me cumpre sêl-o quando sou esposa. Agora entre mim e as tentações que o mundo offerece, existem a minha consciencia, a minha honra, e Deus!

GENERAL.

(*Áparte*) Ah!

D. EUSEBIO.

Comprehendo a tua situação, mas sinto ainda mais os teus soffrimentos do que os meus, e quizera....

CARLOTA.

Não exaggeres o que soffro. Não me arrependo de ter casado; o que eu deploro é ver-me exposta ás desconfianças, e ao ciume d'aquelle que me escolheu para esposa, quando lh'o não mereço, e não poder tornar feliz um homem a quem estimo e respeito.

GENERAL.

(*Áparte*) Fallará verdade, santo Deus!

CARLOTA.

Sinto os meus desgostos, mas nas lagrimas que verto, choro tambem os seus!

GENERAL.

(*Áparte*) Angelica creatura!

D. EUSEBIO.

Amal-o-has tu tanto, como outr'ora confessavas amar-me?

GENERAL.

(*Áparte*) Cala-se!

CARLOTA.

Retira-te!

(*Abre-se uma das janellas no andar superior, e n'ella apparece Micaela*).

MICAELA.

(*Áparte*) Eusebio tarda tanto...

D. EUSEBIO.

(*Lançando-se aos pés de Carlota*) Dize-me ao menos que não me aborreces!

MICAELA.

(*Dando um grito de surpreza, vendo o que se passa no jardim, e retirando-se da janella no mesmo instante*) Ah!

(*O general sae d'entre as arvores, avança alguns passos, e pára cruzando os braços. Luiza sae de casa, e aproxima-se com inquietação dos outros personagens, que no primeiro momento não dão por ella*).

SCENA XXIV.

CARLOTA, D. EUSEBIO, GENERAL, LUIZA.

CARLOTA.

(*Imperiosamente*) Levante-se!

D. EUSEBIO.

Não merecerei acaso uma resposta... Carlota!

CARLOTA.

A ninguem aborreço... senão a mim!

GENERAL.

Porque?

CARLOTA.

Deus do ceo! Meu marido!

D. EUSEBIO.

(*Levantando-se*) O general!

GENERAL.

(*A Carlota que vae retirar-se*) Espere um momento!

D. EUSEBIO.

Juro-lhe que não é culpada.

LUIZA.

(*Áparte*) Que irá fazer?

D. EUSEBIO.

Defendel-a-hei, arriscando a propria vida!

GENERAL.

De quem? Não precisa de defensor.

LUIZA.

General!

GENERAL.

Não vê o meu animo tranquillo?

LUIZA.

Carlota!

GENERAL.

Ouvi tudo!

(*Chega Micaela furiosa*).

SCENA XXV.

GENERAL, CARLOTA, D. EUSEBIO, LUIZA, MICAELA.

MICAELA.

Monstro! Olha para mim! sou eu!

LUIZA.

(*Áparte*) E mais esta!

MICAELA.

Traidor! Ambos são traidores!

D. EUSEBIO.

Fugirei... fugirei para sempre!
Continua.

O pelicano.

Quatro especies compõem o genero denominado pelos naturalistas — *Pelecanus*. A' mais commum d'estas especies, que é a que se vê representada na estampa junta, dão o nome de *Pelecanus onocrotalus*.

Esta ave singular tem a plumagem de um branco resplandecente, ligeiramente manchado aqui e ali de côr de rosa desvanecida, com as pennas das guias pretas. Tem a forma de um grande pato. A parte posterior da cabeça é ornada de pennas mais compridas e estreitas do que as outras. A pelle nua, que lhe guarnece as faces, é branca e levemente rosada; e a que lhe pende do bico, á maneira de sacco ou algibeira, é de côr amarella clara.

Os pelicanos habitam nas margens dos rios, dos lagos, e nas costas do mar, nas regiões orientaes da Europa, e no norte da America. Nadam com a mesma facilidade com que voam, cortando os ares com ligeireza, e elevando-se a muita altura, e teem a vantagem de se poderem sustentar sobre os troncos das arvores, apesar da forma dos seus pés, da grandeza de seu corpo, que é extraordinariamente maior que o do cisne, e apesar do seu peso, que regula de vinte e quatro a vinte e seis arrateis.

Os pelicanos teem as suas horas para pescar, e para descanso. Exercem aquella industria de manhã e de tarde. Procuram para esse fim os sitios, aonde mais abunda o peixe, e logo que tomam uma boa fartadela, levando ainda no sacco por baixo do bico a provisão, que podem, retiram-se a logares certos das proximidades, e ahi vão saboreando o resto da comida, e fazendo a digestão, em perfeito ocio. Para a facilitarem ou apressarem comprimem o papo com o bico e o sacco. Só deixam este repoiso, quando a necessidade de nova refeição os incita a procural-a. No estado de domesticidade, a que não é muito difficil reduzil-os, acceitam quasi toda a qualidade de alimentos.

Buscam os rochedos para ahi fazerem as suas posturas, em alguma cavidade mais resguardada. Não se cansam a fazer ninho; apenas cobrem a terra, ou a rocha com algumas hervas seccas. Põem tres a cinco ovos, e algumas vezes mais.

Como se sustentam de peixes, a sua carne é desgostosa.

Uma antiga fabula, attribuindo a estas aves um excessivo amor pelos filhos, diz que ferem com o bico o proprio peito para os alimentarem com o seu sangue. D'aqui provém ser considerado o pelicano como o emblema da beneficencia, e do amor paternal. Por esta razão o nosso rei D. João II, para significar o amor, que tinha ao seu povo, e que estava resolvido a derramar por elle o seu sangue, tomou por divisa — o pelicano ferindo o peito, e dando a beber o sangue aos seus filhos.

I. DE VILHENA BARBOSA.

A noite.

DEVANEIO

DEDICADO AO MEU AMIGO, J. A. D'A. MACHADO.

Conclusão.

XXV

. . . . . .

Escuta: que rumor é este? — Passos... um grito!...

Sorris!...Tambem tu; tambem teus labios não são isemptos ao alvar sorrir do sarcasmo.... Tambem encerras dentro d'alma o fel amargo, que brota espontaneo aos labios, n'um sorriso de ironia...

Tambem a decepção te esculpiu nos labios o sorriso de perpetuo escarneo?

Eis um vulto. Além vae, saltando de penha em penha pelo escarpado despenhadeiro da serra atapetado por agrestes urzes. Lá se submerge nas profundas gargantas da montanha...

XXVI

—Ah! ah! ah!...

—Eis! é o impio que espavorido foge;
Passando pela cruz do ermo valle,
tomado de pavor, baixou os olhos.
Teve medo: e curvando a fronte pallida,
em vez d'atroz blasphemia, simples resa
murmurou, açodado caminhando.
—Oração que no berço a mãe 'stremosa
lh'ensinara entre beijos e caricias;
e que mais tarde co'o passar dos annos
esquecera de todo. O susto agora
lh'a trouxe ao embotado pensamento.
E em vão: não lh'a attende o Deus supremo!

Da noite a magestade, as densas trevas
pavor lhe deram, n'alma lh'infundiram
ruim susto, vão receio, vãs chimeras!

Alma mesquinha, espirito pusilanime
deslumbrados ficaram e surpresos
do Eterno co'a infinita omnipotencia
que em tudo que nos cerca se demonstra,
do Qual, vaidosa nega blasphemando
a existencia que affirma n'este instante.

Quando ao longe enxergou as alvas campas,
que povoam d'aldêa o cemiterio
indeciso ficou, pregado á terra,
qual se do Omnipotente a voz terrivel
o fulminara. De pavor transido,
nos labios a existencia se lhe reune
para um — ai! — desprender, de moribundo
e exangue baquear-se no terreno!

XXVII.

E os eccos da serra, e a brisa, e as ondas do pacífico oceano desprenderam estridente e zombeteira gargalhada, como labios humanos nunca soltaram!

Eil-o que passa: — nos olhos espantados revela o susto que se lhe apoderou d'alma condemnada, no desalinho e decompostura do traje, na desordem dos negros e hirsutos cabellos, e no passo incerto com que percorre o ermo caminho, o tetrico pavor de que foi accommettido.

—A horas mortas, gelido silencio, quando a natureza assimilha um cadaver, o sibilar da brisa por entre os giganteos pinheiros do bosque, o doce fremito da catadupa despenhando-se de roca em roca, o tenue murmurar da vaga do oceano beijando submissa as musgosas plantas do penhasco, o pio sentido de ave melancolica, e até o debil estrepito da folha secca do outono, que o vento roja pelo chão rolando na poeira, o fazem descorar e tremer.

Ao dar de frente com modesta sepultura solitaria... panico terror lhe embota a alma, paralysam-se-lhe as faculdades do espirito, e cae exhausto de forças.

Eis o atheu.

Para elle, em taes momentos

—Horridas são as sombras da floresta;
dos troncos o ranger lhe é medonho;
e as aguas da corrente taciturnas,
revelando queixumes ao seixinho,
e á planta que lhe borda a 'streita margem.
São phantasmas os arbustos empinados
p'los impulsos d'aragem saccudidos.
Horror a cruz lhe causa mutilada,
que tristeza a nós outros, só infunde!
Assustado deserta, e espavorido,
de ao pé das campas, onde por a tarde,
ao plangente murmurio das aragens,
cuspiu sarcasmos, vocif'rou blasphemias!
Os prantos que lhes descem p'los ornatos,
de nocturnos orvalhos, que as borrifam,
e lhe caem depois na rasa pedra
cadentes, compassados, e sentidos
— qual pendula fatal da eternidade,
a medonho carpir se lhe assimilham!
E do granito os cumes recortados
quaes braços de gigante ao ceo erguidos
diabolicas visões, gnomos, phantasmas
a mente desvairada pelo espanto
de côres pavorosas lhe afigura!...

XXVIII

. . . . . .

E traz-me a brisa da terra mil balsamicos perfumes, que indiscreta no perpassar roubou á flor adormecida.

. . . . . .

Que melodia! Direi antes, ser o côro das harpas dos anjos. que me arrebatam o espirito á etherea morada!

Que arrobos d'alma!

E dorme a solidão; a natureza
repoisa. Dorme o ermo, a flor, a vaga,
o aldeão e a rez no rustico tegurio!
Só vela dentro d'alma firme a crença
do inspirado que, ó noite, te contempla!

XXIX

Igneo, frouxo, clarão
no enlutado horisonte despontando
tingir vem ao de leve
as cristas da longinqua serrania.
Do largo oceano as aguas se espelhando
se revestem da alegre côr do dia,
No concavo azulado,
no ethereo firmamento
pouco a pouco as estrellas pallidecem.
Em ermo o ceo tornado
só apenas a d'alva ali fulgura,
que as outras seus brilhos esmorecem.

mil aves d'entre a selva
placidas em seus ninhos acordando,
os vôos desprendendo alegremente,
saltando sobre a relva
ternos hymnos ao ceo vão enviando.
. . . . . .
Já perto vem a aurora:
momentos poucos distam que o sol fora
de luz venha inundar a natureza;
do seio esvanecer-lhe
a pallida tristeza
que na face lh'imprimira a escuridade!

XXX

A fresca brisa matinal, como as aves, acordando; como a flor que indolente desabrocha na haste, rescendente de perfumes e de amores, corre por sua vez a saudar os arreboes da madrugada, beijando na ligeira passagem as flores ainda humedecidas pelos orvalhos da noite.

O primeiro raio de sol, mui frouxo, e coado atravez das ondas do oceano, vem illuminar-me a fronte, dissipando-me da mente as mil chimericas illusões que alimentara em quanto o negro veo da noite involvia o universo.

Alfim a aurora surge, lubrica e indolentemente reclinada em seu leito de purpura e oiro. — Chilram as aves, elevam-se de todos os lados milhares de hymnos de festiva alegria; a natureza inteira rende graças ao Creador; e comtudo para o homem, mais um dia de felicidade ou de amargura se succede aos outros, mais uma folha da arvore da existencia lhe cae myrrhada na voragem do passado!

HENRIQUE VAN-DEITERS.

Errata.

No n.º 44, pag. 352, col. 2.ª, lin. 69 — onde se lê — Baralham-se as idéas, reduzem-se a eccos —leia-se—Baralham-se as idéas, reduzem-se a cahos, etc.

TYPOGRAPHIA DO PANORAMA — *Travessa da Victoria*, 52.